

**FACULDADE DE TECNOLOGIA SENAC FLORIANÓPOLIS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS, CULTURA E CRIAÇÃO**

**Fernanda Viana Martelli**

**AQUELES QUE CAMINHAM**

**Florianópolis  
2009**

**Fernanda Viana Martelli**

## **AQUELES QUE CAMINHAM**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação apresentado à banca examinadora da Faculdade de Tecnologia Senac Florianópolis como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação.

**Orientadora: MSc. Maria Lucila Horn**

**Florianópolis**  
2009

**Fernanda Viana Martelli**

## **AQUELES QUE CAMINHAM**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação apresentado à banca examinadora da Faculdade de Tecnologia Senac Florianópolis como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora - Prof<sup>a</sup>. MSc. Maria Lucila Horn  
**Faculdade de Tecnologia Senac Florianópolis**

---

Prof<sup>a</sup>. MSc. Virginia Maria Yunes - Examinadora  
**Universidade do Estado de Santa Catarina**

---

Prof<sup>a</sup>. MSc. Lidiane Goerdert – Coordenadora Pedagógica  
**Faculdade de Tecnologia Senac Florianópolis**

**Dedico essa experiência a minha família por toda sua  
permanência, força e amor.  
Aos amigos de sempre, e aos novos de outras vidas.  
A grande mãe natureza e a conexão.  
A todos aqueles que caminham...**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos os Anjos do caminho... Anjos lá de casa, Anjos dos portos seguros...

**A utopia esta no horizonte. Caminho dois passos, ela se distancia dois passos, e o horizonte corre dez passos mais para lá. Então para que serve a utopia?**

**Para isso, serve para caminhar.**

**Eduardo Galeano.**

## RESUMO

A pesquisa poética se instaura pelo reconhecimento do potencial dos elementos em disposição num ato intrínseco do ser humano. A ação de caminhar sugere aqui uma busca, uma peregrinação, e as relações infinitas de possibilidades de um caminho. O processo criativo de “Aqueles que Caminham” mostra uma rede de interconexões culturais, a partir de um relato espontâneo de cotidianos. É um apanhado de imagens onde os cenários são captados durante 4 meses viajando desde os Estados Unidos até chegar ao Brasil por terra passando por 14 países. Descobrimos produtos culturais, o presente trabalho tem como objetivo apresentar vínculos entre a atividade artística e o conjunto de atividades humanas, proporcionando uma trama narrativa que redimensiona a efemeridade do corpo, a partir da linguagem da arte relacional, da arte/vida.

**Palavras-chave:** caminhar, cotidianos, efemeridade.

**ABSTRACT**

The research was initiated by the poetic potential of recognition of the elements available in an act intrinsic to human beings. The action of moving here suggests a search, a pilgrimage, and the relations of infinite possibilities for a path. The creative process of "They who walk" shows a network of interconnections culture, from a spontaneous reporting of everyday. It is an overview of the scenarios where images are captured during 4 months traveling by land through 14 countries from the USA to come to Brazil. Discovering cultural products, this work aims to present links between the artistic activity of all human activities and providing a narrative that resizes the frailty of the body, from the language of relational art, art/life.

**Key words:** walk, daily, frailty.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura1:</b> Rirkrit Tiravanija, Unfitted (passport no. 3). 2006 .....	19
<b>Figura2:</b> Helio Oiticica, Parangolé, 1964.....	21
<b>Figura3:</b> Smithson, Robert, Spiral Jetty, 1970. ....	22
<b>Figura 4:</b> Long, Richard, " Walking and Running Circle, 2003.....	23
<b>Figura 5:</b> Adrian Piper, "Catalysis III," 1970. ....	23
<b>Figura 6:</b> Dan Graham, two-way mirror labyrinth, 1989. ....	24
<b>Figura 7:</b> Stanley BROUWN, <i>This way Brouwn</i> , 1962. ....	24
<b>Figura 8:</b> Lygia Clark, Caminhando, 1963. ....	26
<b>Figura 9:</b> Ouvindo o vento passar. Série Aqueles que Caminham, Santa Mônica CA, Estados Unidos. Fotografia digital, 2009. ....	36
<b>Figura 10:</b> Infra-ação. Série Aqueles que Caminham, Valladolid YUC, México. Fotografia digital, 2009. ....	37
<b>Figura 11:</b> Ustedes hacen amor? Série "Aqueles que Caminham", Orange Walk, Belize. Fotografia digital, 2009. ....	37
<b>Figura 12:</b> Conta a mina ação. Série "Aqueles que Caminham", Tikal, Guatemala. Fotografia digital, 2009. ....	38
<b>Figura 13:</b> Diante de quem não viu. Série "Aqueles que Caminham", El Cuco, El Salvador. Fotografia digital, 2009. ....	38
<b>Figura 14:</b> Fabulosos jogos do caminho. Série "Aqueles que Caminham", Puerto Lopez, Honduras. Fotografia digital, 2009. ....	39
<b>Figura 15:</b> Cuento de hadas. Série "Aqueles que Caminham", Popoyo, Nicarágua. Fotografia digital, 2009. ....	39
<b>Figura 16:</b> Para ver. Série "Aqueles que Caminham", Tortuguero, Costa Rica. Fotografia digital, 2009.....	40
<b>Figura 17:</b> Ser o que quiser. Série "Aqueles que Caminham", Valle d'Anton, Panamá. Fotografia digital, 2009.....	40
<b>Figura 18:</b> Doces rutas. Série "Aqueles que Caminham", Valle de Cocora, Colômbia. Fotografia digital, 2009. ....	41
<b>Figura 19:</b> Pescador de sonhos roubados. Série "Aqueles que Caminham", Puerto López, Equador. Fotografia digital, 2009. ....	41
<b>Figura 20:</b> Dias de Inti Rayme. Série "Aqueles que Caminham", Cusco, .....	42

Peru. Fotografia digital, 2009. ....	
<b>Figura 21:</b> Ora numa ilha ora noutro mundo. Série “Aqueles que Caminham”, Isla del sol, Titicaca, Bolívia. Fotografia digital, 2009. ....	42
<b>Figura 22:</b> Quase lá. Série “Aqueles que Caminham”, Asunción, Paraguai. Fotografia digital, 2009. ....	43
<b>Figura 23:</b> América Mapa da viagem, 2008 à 2009.....	45

**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. ARTE RELACIONAL – COMPREENSÃO E REFLEXÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2. DESENVOLVIMENTO PRÁTICO E TEÓRICO.....</b>	<b>31</b>
<b>3. ENCONTROS E DESENCONTROS COMPÕEM E DECOMPÕE CAMINHOS....</b>	<b>33</b>
<b>4. CONCLUSÃO.....</b>	<b>44</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

“Aqueles que Caminham” tem como objetivo tecer uma trama de ligações entre todos aqueles que cruzam o meu caminho como artista, percebendo num paralelo o que seriam as buscas genuínas. O interesse surge da fusão da vivência pessoal trazida para a trajetória artística. O processo então, dar-se-á buscando relações com diferentes pessoas, captando relatos e imagens que supostamente surgirem ao acaso. A intenção é poetizar essa trajetória, esse percorrido, de forma que se entenda as possibilidades quando se está aberto para o outro. Uma vez que esse roteiro de viagem esteve sempre por ser escrito, a trama de ligação de “Aqueles que Caminham” se materializa quando me coloco frente a cada pessoa com uma compreensão imediata de que cada ser humano nos traz um enigma

A poética em “Aqueles que Caminham” busca a sociabilidade dos caminhos e trajetórias. Esse trabalho final será representado plasticamente pela linguagem fotográfica, tendo por temática pessoas que caminham em diferentes situações, onde perspectivas e ângulos serão explorados. Buscar-se-á a cultura das relações que se constroem com esse apelo. A narrativa da obra dar-se-á sobre o destino, num roteiro que foi sendo construído com total liberdade, pelas experiências e encontros do caminho. Uma experiência peregrina de 4 meses viajando pelo continente Americano, tomando objetos da realidade para modificar as relações e destinos.

A metodologia usada é a questionabilidade: “O que você busca?”, “Onde você está indo?”, e a partir disso poder instaurar a construção de um novo caminho, e também desfiar os desejos com a idéia de bases anímicas, numa

tentativa de compreender o processo cognitivo harmônico dos mistérios do destino, da vida.

Cada pessoa que ocupa um espaço/tempo desses encontros, será retida por sua essência peculiar. Ao observar e poetizar a vida humana num olhar abrangente, explorando a vida como um todo, paulatinamente vai-se aproximando de um enigma pessoal e materialização da poética.

A construção desse caminho é aprender e compreender os aspectos exteriores que se fazem presentes, e a metodologia de questionar o desejos/sonhos é, segundo a linguagem da arte relacional, uma maneira de desmistificar a arte e a vida, fazendo-as fundirem-se.

Segundo Steiner (1998, p.30), Goethe faz menção a estética da vida regredindo ao devir, auscultando a natureza em seu criar:

O belo é uma manifestação de ocultas leis da natureza, que sem sua aparição permaneceriam eternamente secretas.<sup>1</sup>

E nesse sentido, de manifestar essa lei da natureza que são os encontros e compreensão das mensagens, “Aqueles que Caminham” é composto pelo espírito do que é universal e arquetípico, do infinito. A arte da vida ou a arte na vida, é uma questão de forças que são impulsionadas por detrás dos fenômenos, sendo que se não estivermos receptivos do mundo que de nós se aproxima, ele não se desvendará.

---

<sup>1</sup> STEINER, Rudolf. **Arte e estética segundo Goethe : Goethe como inaugurador de uma estética nova/Rudolf Steiner**. Tradução de Marcelo da Veiga Greuel. – 2.ed.- São Paulo:Antroposófica, 1998. – (Rudolf Steiner : textos escolhidos) . página 30.

Fazendo um link entre o grande mestre Goethe quando discute o Juízo Perceptual, que é uma forma não abstrata do pensar, onde Goethe se aprofunda na realidade para encontrar sua contínua transformação, entende que todos os organismos tem conteúdo rico, perceptíveis e cheios de vida e consecutivamente de arte, Hegel também diz : “*O belo é o reluzir sensório da idéia.*”<sup>2</sup>, considerando a idéia expressa como essencial na arte.

Da mesma forma Nicolas Bourriaud na contemporaneidade coloca que a aproximação das ações corriqueiras da vida possuem potencial estético e poético, e a isso batiza uma vertente que é chamada de “arte relacional”, uma arte testemunho do dia-a-dia, da des-institucionalização, a quebra do distanciamento da arte/vida/observador.

Como vocabulário da pesquisa, essas referências fazem analogia as características de aproximação e interação daqueles que seriam observadores e que por fim acabam se tornando e idealizando a obra, e da idéia e compreensão da realidade como potencial de arte. No presente trabalho tema e título se fundem, “Aqueles que Caminham” é um processo móvel que confronta passado, presente e futuro com a essência do sentido da própria vida (da imagem-ator-, do artista, e do observador).

---

<sup>2</sup> STEINER, Rudolf. Idem página 13. página 26

As narrativas capturadas de cotidianos ora distantes ora familiares destinase a examinar e a participar das “problemáticas” dos caminhos. Assim, concordo com Bourriaud quando diz: “Nada es perdurable, todo es movimiento; el trayecto entre dos lugares es privilegiado con respecto al lugar en sí mismo, y los encuentros son más importantes que lo individuos que los ocasionan.”<sup>3</sup>

## 1. ARTE RELACIONAL – COMPREENSÃO E REFLEXÃO

“Aqueles<sup>4</sup> que Caminham<sup>5</sup> “

A construção de uma trajetória artística, principalmente em nosso tempo, requer experimentações em diversas áreas. É de extrema importância que o artista tenha essas experiências, pois sua obra irá refletir seus conhecimentos e seus caminhos.

Existe um processo e isso é inerente a vida de qualquer artista. No entanto não é fácil, nem preciso, muito menos imediato. As transformações, a abertura para essas novas relações na arte são um processo pessoal, porém o que instaura esse movimento “relacional” é, sobretudo a dinâmica arte-vida. O artista deve buscar possibilidades, promover novas formas de sociabilidade e crítica.

---

<sup>3</sup> BOURRIAUD, Nicolas. *Post Producción*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora S.A., 2004. página 59 Tradução da autora: “Nada é perdurável, todo é movimento; o trajeto entre dois lugares é privilegiado com respeito ao lugar em si mesmo, e os encontros são mais importantes que os indivíduos que os ocasionam.”

<sup>4</sup> De “**aquele** – a.que.lê (ê) *pron dem (lat vulg eccu ille)* Indica pessoa ou coisa que está um pouco distante da pessoa que fala e da pessoa a quem se fala, tanto na ordem de lugar como na de tempo: *aquele homem; aquele objeto*; ou refere-se no discurso ao termo mais afastado. Forma enfática, popularizada: “Os amigos se encontraram e foi aquele abraço” (Eça de Queirós). **Dicionário de Português Michaelis**

<sup>5</sup> De **caminhar** - ca.mi.nhar (*caminho+a<sup>2</sup>*) *vint 1* Percorrer caminho a pé: *Esta é a estrada; agora, caminemos. vint 2* Pôr-se em movimento; rodar, seguir: *O jipe caminhava, rumo à fazenda. vint 3* Navegar, velejar: *Ao longe, caminha um iate. vint 4* Campear: *Nesse ambiente caminhava a corrupção. vint 5* Progredir: *Assim caminha a humanidade. vti 6* Ir, dirigir-se: *Caminhou ao jardim. vti 7* Marchar, seguir: *Caminhai para o alvo que vos foi proposto. vtd 8* Andar, percorrer: *Caminhei toda aquela distância. Caminharam dois quilômetros.* **Dicionário de Português Michaelis**

Em todos os processos existem etapas, e estamos sujeitos às transformações que são impostas pelo novo. Antecedendo essa idéia contemporânea Kandinsky (1996, p. 126), expressa muito bem quem é o artista:

O artista tem não só o direito mas o dever de manipular as formas da maneira que julgar necessária para alcançar seus fins(...) essa liberdade deve basear-se na necessidade interior a que se dá o nome de honestidade. Aliás esse princípio não é próprio somente na arte, mas também na vida. (...) em toda a vida (portanto na arte também), o que conta é a pureza do objetivo.<sup>6</sup>

Essa transformação na liberação da arte, na des-institucionalização, vem sendo dinamizada por muitos artistas, mostra uma mudança do papel das artes e do artista, uma nova postura de experimentações da vida que promove novos espaços para conhecimentos. Uma ampliação da circulação criativa que realiza no coletivo uma dimensão dos limites (ou não-limites) intersubjetivos de expressão.

De acordo com Borer (2001, p.15):

...ninguém compreendia a constelação de energias que a escultura punha em jogo (...) para mim não se tratava unicamente de trabalhar com um material específico, mas da necessidade de criar outros conceitos de poder do pensamento, poder da vontade, poder da sensibilidade.<sup>7</sup>

Assim como Beuys, o artista contemporâneo deve buscar a participação do espaço, apontando pra uma obra “coletiva, interativa” que contenha essa essência do inacabado. Ser artista é uma tarefa das mais desafiantes. Provocar, questionar, levantar uma séries de reações é refletir as necessidades culturais e sociais da contemporaneidade.

<sup>6</sup> KANDINSKY, Wassily. Do Espiritual na Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Pág.126

<sup>7</sup> BORER, Alain. JOSEPH BEUYS. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. Pág. 15

Beuys fala que é necessário criar uma alternativa à situação presente (uma referência quando falamos no artista que pensa na condução da sociedade para uma nova forma de pensar e para uma saída da crise).

Acredita-se que o importante é perceber o potencial dos elementos colocados a nossa disposição. E, como aprender a poetizar o cotidiano... Como diz Bourriaud, somos locatários da cultura, onde a sociedade é um texto cuja regra lexical é o produto. Nicolas Bourriaud, teórico contemporâneo, faz a crítica de uma arte que inclui formas do mundo até então ignoradas ou depreciadas. Fala de uma arte coletiva, criando modelos de sociabilidade, uma esfera inter-humana dos hibridismos na arte atual. Seu livro *Estética Relacional* (2009) mostra essa revolução na arte, é uma inserção dos pensamentos e práticas artísticas de convívios e formas interativas. Em *Post Producción*, o autor elabora um pensamento sobre a multiplicação da oferta cultural, a abolição da distinção do tradicional, do que é produção ou consumo, criação e cópia, ready-made e obra original. Relacionando esses novos modos de produção Bourriaud (2004, p. 123) faz o mundo interagir, e materializa os vínculos de espaço e tempo.

Si tales “recargas” de formas, tales compilaciones y tales recuperaciones representan hoy una apuesta importante, es porque incitan a considerar , la cultura mundial como una caja de herramientas, como un espacio narrativo abierto, antes que como un relato unívoco y una gama de productos.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> BOURRIAUD, Nicolas. *Post Producción*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora S.A., 2004. página 123. Tradução da autora: Se tais “recargas” de formas, tais compilações e tais recuperações representam hoje uma aposta importante, é porque incitam a considerar, a cultura mundial como uma caixa de ferramentas, como um espaço narrativo aberto, antes que como um relato unívoco e uma gama de produtos.”

A arte contemporânea que fala Bourriaud tenta dar peso aos processos mais invisíveis. Com a abstração da nossa existência a partir da globalização, ou mundialização, os processos e funções básicas da nossa vida acabam se transformando em produtos de consumo (nisso ele inclui as relações humanas).

Então ao rematerializar essas funções e esses processos o artista devolve um interesse ao nosso olhar; *“Existe um esforço em romper a lógica do espetáculo, a arte nos restitui o mundo em tanto que experiência por viver.”*

Nesse contexto de apropriação do entorno, imergindo da essência da arte relacional, “Aqueles que Caminham” é um a interpretação de um código errante. Um ato intrínseco do ser humano, onde o simples caminhar determina e relaciona uma rede de elementos do inconsciente coletivo. Uma ação infinita de liberdade e utopia, onde aqui o conceito caminhar refere-se a uma peregrinação. ...sonhos, buscas, encontros, possibilidades...

Concordo com Bachelard, no que se refere ao reconhecimento dos desejos a partir das dialéticas da vida num determinado espaço. De acordo com o teórico constrói-se uma poética para cada impressão a cada estrutura experimentada, determinando intermediários entre realidades e símbolos de uma cultura. A percepção desse espaço dinâmico “desejo” propõe imagens e formas transgressoras, uma reflexão do presente, da consciência da nossa experiência.

[...] Portanto é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, “num canto do mundo”. [...] (BACHELARD, 2005, p. 24).<sup>9</sup>

<sup>9</sup> BACHELARD, Gaston. **A Poética Do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. pág.24.

Nicolas Bourriaud (2004, p.123), teórico-crítico contemporâneo, afirma que através de relações reinventadas se aproximam vida e arte, ele acredita que está tudo relacionado, que existem convenções aceitas culturalmente.

Propõe que o processo deve ser habitar ativamente as formas culturais e sociais que se deseja investigar e transgredir. Portanto em “Aqueles que Caminham”, a percepção do espontâneo deslocamento é a essência do que se quer habitar.

Fazemos parte de uma sociedade onde as imagens se propagam no discurso publicitário, distorcendo e criando ideologias. Somos rodeados por representações, e formas que nutrem um imaginário coletivo de conteúdos ditados pelo poder. A proposta então da poética é um meio de fragmentações, revelando “formas” dentro de uma linearidade, criando discontinuidades no coletivo. As apropriações de imagens e formas do cotidiano trazem um emaranhado de conceitos e possibilidades dilatando os espaços de relações do mundo.

O papel da arte hoje é de extrema importância, pois é ela que nos traz as contra-imagens, reativando essas formas, reabitando-las.

Diferentes artistas questionam e investigam esses limites ou não-limites da arte. Rirkrit Tiravanija produz espaços de sociabilidade. Nada é perdurável, esta tudo em movimento; o mais importante para ele são os encontros; a noção de comunidade e do efêmero.



**Figura 1** – Rirkrit Tiravanija, Unfitted (passport no. 3). 2006 Fonte:

[http://www.culture-asef.org/english/txt/2008/re\\_asia/photos/24](http://www.culture-asef.org/english/txt/2008/re_asia/photos/24) em 17/08/2009.

A questão de Tiravanija é: como habitar o mundo sem residir em nenhuma parte. É um artista que manifesta sua construção na vontade de inventar novos vínculos na atividade artista e nas relações humanas. Transcende a instauração da arte, instituição e socialização. O artista convida o observador a sentar-se, comer, beber, conversar, ver o mundo passar... sua poética de utopia social propõe que experimentemos e questionemos os limites da arte e a partir das formalizações da vida cotidiana, inventando novos vínculos entre a atividade artística e o conjunto das atividades humanas.

Sobre a ótica de um comunismo formal, que Bourriaud coloca como sendo um conceito de intuição Duchampiana, a partir do surgimento de uma cultura de uso, o sentimento nasce de uma colaboração, da negociação, entre o artista e a obra, e a estética relacional acontece quando se examina o aspecto convivial e interativo dessa revolução. Assim, uma das primeiras referências em termos de participação do espectador são os ready-mades de Duchamp. É uma participação do espectador racional-filosófica, este é induzido a tomar uma posição sobre a

definição e o sentido da arte. Com Duchamp se dá o deslocamento do objeto ao museu, questionando assim o papel da instituição.

Com os ready-made; Duchamp pedia que o observador pensasse sobre o que definia a singularidade da obra de arte em meio a multiplicidade de todos os outros objetos. Seria alguma coisa a ser achada na própria obra de arte ou nas atividades do artista ao redor do objeto? Tais perguntas reverberam por toda a arte dos anos 60 de além deles. (ARCHER, 2001, p. 3).<sup>10</sup>

Partindo desse ponto, da ação de pensar o que é arte e o que não é, ou que tudo pode ser arte, Oiticica (1964) coloca essa participação do expectador de ordem material, como sendo o espectador uma parte que completa fisicamente a obra.



**Figura 2** - Helio Oiticica, Parangolé, 1964. Fonte: [www.fig.br/edart/0/jardel.htm](http://www.fig.br/edart/0/jardel.htm) em 17/08/2009.

No Parangolé de Oiticica a participação se dá de forma sensorial-política. Por meio da capa o fruidor-co-autor procura executar movimentos que criem diferentes

---

<sup>10</sup> ARCHER, Michel. Arte Contemporânea. São Paulo: Martis Fontes, 2001. Página 3

imagens, experimentando assim um estado de liberdade. Estado de liberdade que no caso, seria contraditório à situação política do momento.

Como no readymade há uma apropriação, mas esta não é de objetos e sim de elementos que fazem parte da cultura do samba, como da música do parangolé ou a participação do "mascote do parangolé o extraordinário passista Mosquito da Mangueira, de dez anos. (OITICICA, 1966, Parangolé Social e Parangolé Poético.) <sup>11</sup>

Já Smithson e Richard Long artistas da Land Art, preocupam-se com uma participação que é sensorial-existencial, através da apreciação da paisagem num recorrido o sujeito se pensa na sua relação com o mundo. Suas obras são "mutantes" ou "cambiantes", evoluindo e destruindo-se com o tempo. Robert Smithson apodera-se do conceito físico da entropia, da decomposição da ordem em caos onde o observador constitui, constrói a arte, a paisagem. O olhar aqui já não é um ato passivo e estático, e a paisagem que é a própria obra também colabora para que essa permaneça sempre mutável. O artista molda sua prática envolvendo-se com a matéria, e essa Land Art instaura-se na evidência de uma trajetória de impermanência, buscas, caminhos. A natureza é a sua própria escultura, uma escultura viva, ou escultura da vida onde o artista interfere incentivando a leitura da paisagem, refletindo e compreendendo essa nova dimensão. Esses monumentos se revelam espaços de essencialidade, onde o observador "entra", aprofundando-se na obra, no mundo do artista. Long, assim como Smithson utiliza as suas caminhadas para construir sua trajetória artística. O artista trazia documentação, textos, sensações, esquemas, trabalhando em cima do discurso "onde está a arte?" A estruturação às vezes monumental outrora intimista, funcionava como uma descrição do espaço escultórico e também do "eu" como objeto poético.

---

<sup>11</sup> OITICICA, Helio.

[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/ho/detalhe/docs/dsp\\_imagem.cfm?name=Normal/0256.66 - 238.gif](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/ho/detalhe/docs/dsp_imagem.cfm?name=Normal/0256.66 - 238.gif)



**Figura 3** - Smithson, Robert, Spiral Jetty, 1970.

Fonte: <http://www.hawaii.edu/lruby/art400/SPIRALJ.GIF> em 17/08/2009.



**Figura 4** - Long, Richard, " Walking and Running Circle, 2003. Fonte:

<http://paphotocall.files.wordpress.com/2009/07/image-2.jpg> em 19/08/2009.

Adrian Piper, no final da década de 60 volta-se para o uso do próprio corpo, onde ela documentava aquilo que observava em um momento específico, às vezes participando de ações sociais usuais, como descer uma rua ou se utilizar de transporte público ao mesmo tempo que executava uma série de ações inusitadas.

Dan Graham, artista americano, utilizava-se de circuitos de câmara colocando o observador em posição de auto-reflexão a partir da reprodução da sua própria imagem. Interessado nas ligações do espaço arquitetônico e seu tratamento como fenômeno do minimalismo, Graham integra na sua obra percepção, distancia, observação, direção e presença.



**Figura 5** - Adrian Piper, "Catalysis III," 1970. Fonte: [http://blog.art21.org/wp-content/uploads/2009/05/piper\\_catalysis.jpg](http://blog.art21.org/wp-content/uploads/2009/05/piper_catalysis.jpg) em 19/08/2009.

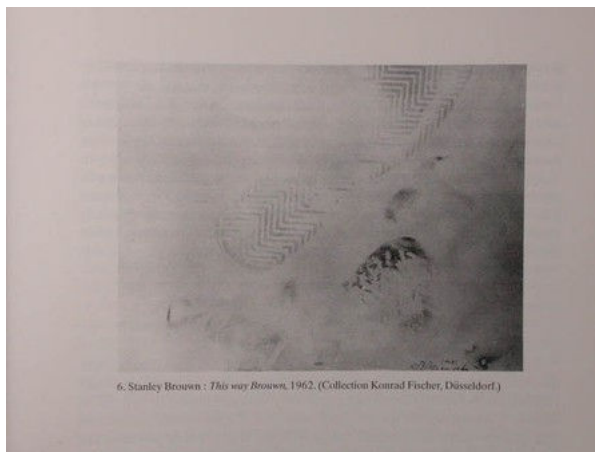


**Figura 6** - Dan Graham, two-way mirror labyrinth, 1989. Fonte:

[www.architecture.blogger.com.br/](http://www.architecture.blogger.com.br/) em 19/08/2009.

Bruce Nauman propõe ao observador que entre na obra. O espaço é experimentado fisicamente e psicologicamente. O artista revela: “o verdadeiro artista ajuda ao mundo a revelar verdades místicas”.

Stanley Brouwn, holandês que emergiu nas artes plásticas durante o período dos anos 60, usa uma poética de movimento repetitivo, do caminhar ou simples observação dessa ação. O artista coloca a vida numa situação de representação extensiva de si mesma. Uma de suas ações foi de parar os passantes oferecendo-lhes um bloco de notas e caneta, e pedia que lhe fosse dado instruções para chegar a um determinado lugar.



**Figura 7** - Stanley BROUWN, *This way Brouwn*, 1962. Fonte:

[http://phomul.canalblog.com/images/15\\_brouwn.jpg](http://phomul.canalblog.com/images/15_brouwn.jpg) em 17/08/2009.

Liam Gillick, elabora um trabalho que integra ações sociais e a ficção de um universo formal coerente, utilizando a obra de arte como ferramenta analítica (“isto é o que aconteceu”). A artista nos propõe pensar no mundo redimensionando a sucessão empírica do historiador. Assim como Tiravanija propõe que o observador participe da obra: “tento alertar as pessoas, para que aceitem que a obra de arte apresentada em uma galeria não seja a resolução de idéias e de objetos.” (BOURRIAUD, Post Producción, 2004).

Ana Mendieta e Celeida Tostes (1996, p. 110) falam do corpo, que interage diretamente com materiais e com o entorno, elaborando formas miméticas de corporização e descorporização, os desejos por sua vez, materializam suas funções e processos. Essa é uma arte relacional do próprio corpo com a natureza, e de existência com sua própria realidade sócio-cultural é uma busca (desejos), uma tentativa para encontrar-se.

Así es el paisaje de la modernidad, en el que el lenguaje de la cultura y la comunidad está suspendido sobre las fisuras del presente: oscilando entre signos residuales y signos emergentes, buscando la recuperación en una repetición de lo mismo o amenazando con

romper violentamente en algo radicalmente diferente. Más que las asociaciones de las mujeres en el hogar y con la <madre vinculada a la tierra>, asociaciones en las que está contenida la mujer, el lugar del exilio se define por lo que le falta, no por lo que tiene.<sup>12</sup>

Beuys é vanguardista em seu processo, sua manifestação é política, causando uma reflexão do social e da arte. Seu caráter é antropológico, buscando “criar uma alternativa a situação presente”, traz conceitos psicológicos, econômicos, culturais e incita com isso uma transformação das relações sociais e círculo das artes.

Lygia Clark nos envolve de experimentações. Tornando-se uma das pioneiras na arte participativa mundial. Sua arte busca uma liberdade dos sentidos do corpo, estudando o espaço e a materialidade do ritmo. São rituais que transcendem com a participação e compreensão de diferentes investigações, um emaranhado relacional de propostas antropofágicas.

---

<sup>12</sup> ANA MENDIETA. Xunta de Galicia Consellería de Cultura e Comunicación Social. Santiago de Compostela: CGAC, 1996. pág.110. Tradução da autora: “Assim é a paisagem da modernidade, no que a linguagem da cultura e da comunidade está suspenso sobre as fissuras do presente: oscilando entre signos residuais e signos emergentes, buscando a recuperação de uma repetição do mesmo, ou ameaçando em romper violentamente em algo radicalmente diferente. Mais que as associações das mulheres no lar e com a <mãe vinculada a terra>, associações que esta contida a mulher, o lugar de exílio se define pelo que lhe falta, não pelo que tem.



**Figura 8** - Lygia Clark, Caminhando, 1963. Fonte: [www.setedeouros.blogspot.com.br](http://www.setedeouros.blogspot.com.br) em 19/08/2009.

Louise Bourgeois, considera que a consciência da sua “história”, o expor-se, foi seu tratamento psicológico, seu auto-conhecimento. Sua obra reproduz imagens do seu inconsciente, fala dos desejos e medos do corpo. Um corpo que é zona de atividade e, sobretudo de memória. Sua poética são as emoções, que são eternas, universais e presentes...

Movendo-se dentro da esfera relacional esses artistas são influenciados para “Aqueles que caminham”. Fazendo emergir da característica de co-relação entre cotidiano e esse espaço dinâmico idéias e questões como “onde repousa a arte”. Estamos reinventando relações e construindo situações, assim como os *situacionistas* já faziam. Os interesses estão em propor uma arte diretamente ligada à vida, uma arte integral.

Ter uma vida significa criá-la e recriá-la sem parar. O homem não pode ter vida se não a criou por si mesmo. Quando luta pela existência for apenas uma lembrança, ele poderá, pela primeira vez na história, dispor livremente de toda a duração da sua vida. Conseguirá, com plena liberdade, moldar na sua existência a

forma de seus desejos. Em vez de ficar passivo diante de um mundo que não o satisfaz, ele vai criar outro, onde poderá ser livre. Para poder criar a sua vida, precisa criar esse mundo. E essa criação, como a outra, são parte de uma mesma sucessão ininterrupta de recriações. Nova babilônia só poderá ser obra dos seus habitantes, unicamente o produto de sua cultura. Para nós, ela só é um modelo de reflexão e jogo.(JACQUES, 2003, p. 13)<sup>13</sup>

Os múltiplos cenários presentes na poética de “Aqueles que Caminham”, fazem menção ao agente ativo (ator) e ao artista que caminha e esta em eterna busca; ao mundo que cambia ferozmente com as contribuições da tecnologia e falta de preservação, tanto ecológica quanto cultural; e ao homem como um ser que é uno e dinâmico. Ora converter-se como uma partitura (evento inusitado), ora ao converter-se em simples cenários, as formas da nossa existência refletem a ampla liberdade de ser. Neste particular, a captura desses fragmentos de caminhos (referências que constituem nosso âmbito cotidiano), além de ser uma imagem de contemplação daria licença a um lugar de orientação, um portal, um gerador de atividades, onde o processo criativo permitiria organizar a própria vida do artista, como resposta ao mundo a que é apresentado, e as referências e significações daquilo que é escolhido.

Dentro da ótica deste produto cultural cotidiano, Nicolas Bourriaud registrou que:

La pregunta artística ya no és: “que es lo nuevo que se puede hacer ?” sino más bien: “que se puede hacer con?” Vale decir, como producir la singularidad, como elaborar el sentido a partir de esa masa caótica de objetos, nombres propios y referencias que constituye nuestro ámbito cotidiano. (BOURRIAUD, 2004, p. 13). <sup>14</sup>

<sup>13</sup>JACQUES, Paola Berenstein. Internacional Situacionista, Apologia da Deriva. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p.13

<sup>14</sup> BOURRIAUD, Nicolas. Post Producción. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora S.A., 2004. página 13 Tradução da autora: “A pergunta artística já não é : “que é o novo que se pode fazer?”, senão melhor: “que se pode fazer com?” Vale dizer, como produzir a singularidade, como elaborar o sentido a partir dessa massa caótica de objetos, nomes próprios e referências que constituem nosso âmbito cotidiano.”

Da mesma maneira, da materialização das linhas existentes , onde a artista, aqueles que caminham , e o observador são imergidos numa rede de signos e significantes, a arte elimina as fronteiras, e a partir das relações se perceberia uma rede de interconexão, como um relato de infinitude e reinterpretação de supostos caminhos anteriores.

Ao 'samplear' estes vínculos de imagens e signos do cotidiano, propõe-se reinventar os itinerários e reabitar-los com as formas culturais e sociais fazendo alegoria ao que dizia Duchamp sobre um jogo entre todos os homens de todas as épocas. Onde o atuante desse jogo dialéctico percebe a conexão da indefinida atmosfera de espaço-tempo e ali encontra-se nas possibilidades da vida.

“Las operaciones de las que se trata no consisten en producir imágenes de imágenes, lo cual sería una postura manierista, ni en lamentarse por el hecho de que todo “ya se habría hecho”, sino en inventar protocolos de uso para los modos de representación y las estructuras formales existentes. Se trata de apoderarse de todos los códigos de la cultura, de todas las formalizaciones de la vida cotidiana, de todas las obras del patrimonio mundial, y hacerlos funcionar.”<sup>15</sup>

Investigar-se-á a poética comportamental das sociedades locais, uma vez que a artista estará viajando durante 4 meses desde Estados Unidos, passando por todos os países da América Central e 5 países da América do Sul. Questionar-se-á os “caminhos” dentro de cada sociedade, buscando identificar a fenomenologia do imaginário individual e do coletivo.

A partir do olhar poético, focado em imagens reais do espaço espontâneo de diferentes extratos sociais, se buscará encontrar valores e influências de cada “busca”.

<sup>15</sup> BOURRIAUD. Idem, p 15. Tradução da autora: “ As operações que se trata não consistem em produzir imagens de imagens, o qual seria uma postura maneirista, nem em lamentar-se pelo fato de que tudo “já estaria feito”, senão em inventar protocolos de uso para os modos de representação e as estruturas formais existentes. Trata-se de apoderar-se de todos os códigos da cultura, de todas as formalizações da vida cotidiana, de todas as obras do patrimônio mundial, e fazer-los funcionar.”

## 2. DESENVOLVIMENTO PRÁTICO E TEÓRICO

A efemeridade é a chave da narrativa de “Aqueles que Caminham”. As imagens aqui se correlacionam encontrando-se num espaço de passagem, onde o caminho poderia ser apenas uma ação normal, ou também momentos importantes de uma história. Dentro da impermanência que é o ser humano, existe uma constante narrativa sendo construída, caminhando rumo ao futuro, seguindo passos já escritos.

À espera de um destino, a artista revela suas observações utilizando-se do mundo que lhe foi apresentado, onde os encontros geram alterações de interpretação e expectativas. Numa forma concisa de ver o mundo, caminhante, as situações por sua aura fugaz, são momentos de ausência.

Os produtos culturais do nosso cotidiano são ações impensadas que muitas vezes não percebemos seu potencial artístico. A atmosfera introspectiva de “ir”, que redimensiona a unidade (homem) de sua sucessão empírica traz a mirada para uma percepção mais intimista de mundo e de inconsciente.

Concordo com Tiravanija quando diz que as comunidades temporais de observação e absorção materializam-se em estruturas que são atratores de humanidade. Da mesma maneira, quando afirma que tudo é movimento, acredito que até mesmo dentro da passividade do ser humano pode-se perceber e pretender uma identidade cambiante.

A fim de produzir uma narrativa real alternativa e de tramas divergentes da que somos acostumados, percebemos as transformações do mundo, a massiva globalização e descoloração da essência das culturas. A maioria já nem sabe o que busca, o que se quer é sobreviver, doa a quem doer.

Porém, ainda encontram-se uns poucos loucos que vivem livres, ou um pouco mais livres. Sem saber o que os espera, recheados de nostalgias e utopias, olhando para dentro, descobrindo-se errantes de essa galáxia.

“Aqueles que caminham” é um apanhado de cenários coletivos de cotidianos espiados, onde o desenvolvimento da poética busca outros caminhos pela realidade, essa realidade percebida pelos que ousam viver descobrindo-se. A idéia é aproveitando-se da separação entre emissão, recepção e interpretação, com o suporte da arte relacional, a materialização do espetáculo comunitário que é a vida, deixa de ser passiva.

Ao expor o processo, o espaço passara também a ser um caminho para a escritura de “Aqueles que Caminham”. O observador usufruirá e deixará suas pegadas. Buscando o dinamismo desse ecossistema cultural, a construção da poética também é abastecida pela aproximação do “ator”, onde a indagação sobre seu caminho foi estratégia para a imersão na cultura.

### 3. ENCONTROS E DESENCONTROS COMPÕEM E DECOMPÕE CAMINHOS

Parti aos Estados Unidos em 2008 com um segredo. Queria voltar por terra, realizar um sonho. Nos primeiros meses fui conduzida pelas preocupações da sociedade a me distanciar da meta primeira e assim fui reduzindo a escalas aéreas o meu retorno ao Brasil.

Porém, meu sonho já teria sido aprovado pelo destino, e foram-se colocando no meu caminho não só toda a liberdade do que poderia fazer, mas também o que eu entenderia mais tarde como minha própria base anímica. O sonho estava se transformando em arte, entendendo que o maior enigma da vida são os encontros, o homem em sua complexidade.

Na volta para casa eu carregava duas pendências; escrever/compreender a dissertação da pós-graduação e chegar a tempo para poder concluí-la. De resto, meu corpo astral e meu corpo físico estava totalmente livre e aberto para essa experiência.

Depois de viver 7 meses em São Francisco na Califórnia, guardei dinheiro para fazer a viagem da volta. E nessa preparação, comecei a perceber que essa questão de “encontros”, da imagem de pessoas “indo”, fazia muito mais barulho dentro de mim do que qualquer outra questão que eu pretendesse escrever. Essa poética de passagem estaria me instigando desde 2004, então entendi que já estava vivenciando a obra, num processo de decifrar esse enigma relacional.

Voei sozinha, , ou sozinha depois que decidi buscar esse sonho em verdade nunca mais estive... acredito que a pulsação de vida dentro de mim era tão intensa que de alguma forma isso estaria se manifestando de forma especial, e desde então proporcionando encontros de quididade.

Minha partida foi por voltas das 22hs no dia 21 de março de 2009, com uma mochila grande de roupas, outra pequena com computador e na bolsa de mão a câmera. Me sentia completamente confortável, e tracei minha viagem: eu iria conhecer o máximo que me seria permitido, sem planos... simplesmente indo.

A primeira parte dessa viagem foi de ônibus, depois troquei para um trem, e assim cheguei ao primeiro destino dessa história: Los Angeles, a cidade dos sonhos...

Depois do café, um passeio por Santa Mônica, um domingo de manhã, pier lotado, muito vento e uma criança caminhando, mas brincando, sendo criança radiante em alegria e liberdade. Ela queria voar, e assim “Ouvindo o Vento Passar” abriria as portas de percepção poética e era a materialização da série “Aqueles que Caminham”. Ela, descrevendo dentro da efemeridade da infância a liberdade do ser, onde ainda brincamos pelos passos do porvir. “Em um momento estamos aqui, e em um piscar de olhos desaparecemos” e fechei os olhos e vivi minha infância, e fui trazida de volta pela velocidade do tempo alcançada pelas fortes rajadas de vento. Será que somos sempre a mesma criança? E em que momento da vida ela se perde dentro de nós?...

De querer entender a vida, de buscar viver intensamente volitei... estive em paraísos e em terras abandonas pelo amor, alguns foram cenários onde o caminhante estava fluindo sobre um canal estético instaurado, onde o tempo e espaço se referem ao instante e são simultâneos passado-presente-futuro.

Como senhora do meu corpo, estremando o destino de acordo com a metafísica, a estratégia era preencher o devir com o inusitado, e escolhia o direção de acordo com a hora de partida dos ônibus, o primeiro que saísse... e assim foi. Também desejei ver arte, vivenciar as ruínas e suas essencialidades e

ocupar o âmago. Nessa busca encontrei muitos artistas. René Boudin fora o mais marcante, dividindo sua vida , sua arte, compartilhou a cognição de “ser caminhante”.

Nesse saborear dos paralelos das inter-relações estabelecidas, surgiram no caminho mensagens decodificadas. Um menino com pipa tendo escrito em sua camiseta “creating positive attitudes”, e o jovem senhor que caminha ao lado pouco tempo depois mostrou sua passagem otimista por esse mundo. E assim, em iminentes momentos, a poética instantânea do empírico mergulha no onírico.

Em “Aqueles que Caminham” apropriei-me de uma superfície instável, daquilo que não é mais o que foi. Apresentei a sutileza das passagens da vida também como um registro documental, onde a cultura nativa às vezes esta contaminada pela interferência urbana globalizada. Alguns dos caminhantes mostram um conformismo na busca de existir, esquecendo de seus valores e envolvendo-se desestruturados sem nenhuma pretensão de satisfação genuína.

Diante de crianças que reproduzem um outro que é ele próprio, numa suspensão do existir penoso, onde esse espírito anda estendendo o infinito sujeito prosaico na vida daqueles que tem a sorte de encontra-lo pelo caminho. Alguns querem andar um caminho só, procurando a natureza do verbo fabuloso da graça, de uma emoção que talvez só pertença a ele.

Segundo Barthes(1980, p.66) a fotografia é unária quando transforma enfaticamente a realidade , sem duplicá-la, sem fazê-la vacilar, tendo tudo para ser banal, a composição procurará uma força de coesão. Nesse sentido a poética de “Aqueles que Caminham” revela imagens que falam sobre imediatos de uma cultura, de uma familiaridade estilizada segundo a oportunidade da fotografa. Onde as informações serão reconhecidas por todo o corpo. O instante desloca-se ao

passado coletivo, transformando a realidade de forma que personagens ultrapassem sua própria identidade e sonhos.

Durante toda a trajetória, os caminhos foram abertos para a intervenção do “outro” e assim durante 4 meses materializei –o de forma poética deixando-o fluir no desconhecido destino.

Revelando a persistência da espécie em ser um testemunho inconsciente e passivo da vida que transcorre, as imagens mostram a interferência humana da existência mecanizada, nesse horizonte imaginário subjetivo que são os momentos, o registro é como uma anamnese do tempo.



**Figura 9** - Ouvindo o vento passar – “I want to fly!”  
Série Aqueles que Caminham, Santa Mônica CA, Estados Unidos  
Fotografia digital, 2009. Fonte: FeMartelli



**Figura 10** - Infra-ação – “Estoy a camino de casa.”  
 Série Aqueles que Caminham, Valladolid YUC, México.  
 Fotografia digital, 2009. Fonte: FeMartelli



**Figura 11** - Ustedes hacen amor? – “I want to be happy with my wife and my kids.”  
 Série “Aqueles que Caminham”, Orange Walk, Belize.  
 Fotografia digital, 2009. Fonte: FeMartelli



**Figura 12** - Conta a mina ação –“Respectada por lo que soy.”  
Série “Aqueles que Caminham”, Tikal, Guatemala.  
Fotografia digital, 2009. Fonte: FeMartelli



**Figura 13** - Diante de quem não viu –“Encontrar a uma persona.”  
Série “Aqueles que Caminham”, El Cuco, El Salvador.  
Fotografia digital, 2009. Fonte: FeMartelli



**Figura 14** - Fabulosos jogos do caminho –“ Vivir feliz com mi hermano y hacer sonreír a la gente!”  
 Série “Aqueles que Caminham”, San Lorenzo, Honduras.  
 Fotografia digital, 2009. Fonte: FeMartelli



**Figura 15** - Cuento de hadas –“Meu conto de fadas!”  
 Série “Aqueles que Caminham”, Popoyo, Nicaragua.  
 Fotografia digital, 2009. Fonte: FeMartelli



**Figura 16** - Para ver – “Entonces jugar!”  
Série “Aqueles que Caminham”, Tortuguero, Costa Rica.  
Fotografia digital, 2009. Fonte: FeMartelli



**Figura 17** – Ser o que quiser – “Encontrarme en cada lugar.”  
Série “Aqueles que Caminham”, Valle d'Anton, Panamá.  
Fotografia digital, 2009. Fonte: Femartelli



**Figura 18** - Doces rutas –“A mi neto, mostrar la conexión con la naturaleza.”  
Série “Aqueles que Caminham”, Valle de Cocora, Colômbia.  
Fotografia digital, 2009. Fonte: FeMartelli



**Figura 19** - Pescador de sonhos roubados –“ Llegar en casa.”  
Série “Aqueles que Caminham”, Puerto López, Equador.  
Fotografia digital, 2009. Fonte: FeMartelli



**Figura 20** – Dias de Inti Rayme – “Mirar la fiesta del sol.”  
Série “Aqueles que Caminham”, Cusco, Peru.  
Fotografia digital, 2009. Fonte: FeMartelli



**Figura 21** - Ora numa ilha ora noutro mundo – “Continuar em la isla.”  
Série “Aqueles que Caminham”, Isla del sol, Titicaca, Bolívia.  
Fotografia digital, 2009. Fonte: FeMartelli



**Figura 22** - Quase lá – “ Los derechos de uma raza.”  
Série “Aqueles que Caminham”, Asunción, Paraguai.  
Fotografia digital, 2009. Fonte: FeMartelli

## 5. CONCLUSÃO

Partindo dos Estados Unidos, passando por 14 países do continente Americano, foi intenção caminhar deixando abertas as possibilidades de descobrir uma essência cultural. Onde, conquistei o reconhecimento de características, estruturas, comportamentos, lutas, tradições.

Frente a problemática de aqueles que caminham, o que se instaurou foi conduzir a reflexão do querer, do caminho, do aqui agora e do futuro. Categorias que trouxeram a mim como artista, pontos delimitantes do “eu” e do entorno.

Conclui que a sociedade estaria estruturada mediante ideologias, religião, tradições e globalização, e dessa forma concordo a com Schiller<sup>16</sup> quando diz que o homem estaria ligado ao mundo das aparências, dos impulsos emocionais, e como agente moral não se sujeita as contingências de uma experiência sensível, senão ao impulso de reduzi-las a formas ordenadas. Em aqueles que caminham as percepções das potencialidades e possibilidades do homem quanto ao seu destino, seu caminho, mostram-se fragilizados frente a latente sociedade global. O conflito querer e poder é limitado pela corrente capitalista, onde se desconhece o instintivo no homem, sendo o medo o cimento da sociedade. Apenas poucos podem ser capazes de sobreviver nessa luta honesta do destino, e a liberdade total em verdade não passaria de mais uma ilusão. Conclui que nos cenários comunitários somos impelidos a atitudes e comportamentos preestabelecidos. Valores, visão de mundo, desejos, medos; somos construídos pelo meio que nos tira a liberdade de escolher os próprios caminhos e soluções.

---

<sup>16</sup> In: OSBORNE, Harold. **Estética e teoria da arte**. São Paulo: Cultrix, 1990

Durante o processo, as aprendizagens foram inúmeras. Entendi a aprender a ver a vida e poetiza-la de sua forma mais sincera. A arte relacional, a arte da vida é intrinsecamente pulsante, e se existe um caminho para a compreensão dos enigmas, talvez seja perceber as pequenas e corriqueiras coisas. Esse percebido das buscas genuínas, é uma forma de harmonização estabelecidos entre todos os conceitos abstratos que só com a sabedoria da vida podemos decifrar.

Sob a linha de raciocínio de Bourriaud sobre cenários, acredito na potencialidade do mesmo como utilização do mundo, transformando em formas a percepção espontânea das coisas, onde os acontecimentos paralelos propõem experiências ao olhar de vínculos misteriosos que ligam a arte ao corpo.

Se caminhamos, para esse jogo da vida de infinitas possibilidades, deveríamos entender algumas finalidades, como artista, fui treinada nas habilidades e faculdades da sensibilidade, descubro que “Aqueles que Caminham”, estará em eterno processo.



**Figura 23 – América**  
Mapa da viagem, 2008 à 2009

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**MENDIETA, Ana.** Xunta de Galicia Consellería de Cultura e Comunicación Social. Santiago de Compostela: CGAC, 1996.

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A Poética Do Espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A. 1984.

BORER, Alain. **Joseph Beuys.** São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

BOURGEOIS, Louise. **Destruição Do Pai Reconstrução Do Pai.** São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

BOURRIAUD, Nicolas. **Post Producción.** Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora S.A., 2004.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional.** Tradução: Denise Bottmann, São Paulo: Martins Fontes, 2009.

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem: Criação de um Tempo-Espaço de Experimentação.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

CONSTANT, *New Babylon* in LAMBERT, J.-C, **New Babylon\_ Constant, Art et utopie,** Paris, Cercle d'Art, 1997.,

DEMPSEY, Amy. **Estilos, Escolas e Movimentos.** São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário: Introdução a Arquetipologia Geral.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GLUSBERG, Jorge. **A Arte Da Performance.** São Paulo: Perspectiva, 1987.

JACQUES, Paola Berenstein. **Internacional Situacionista, Apologia da Deriva.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KANDINSKY, Wassily. **Do Espiritual na Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Pág.126

LECOQ, Jacques. **El Cuerpo Poético**. Barcelona: Alba Editorial, S.L.U., 1997.

OSBORNE, Harold. **Estética e teoria da arte**. São Paulo: Cultrix, 1990.

STEINER, Rudolf. **Arte e estética segundo Goethe : Goethe como inaugurador de uma estética nova / Rudolf Steiner**. Tradução de Marcelo da Veiga Greuel. – 2.ed.- São Paulo:Antroposófica, 1998. – (Rudolf Steiner : textos escolhidos)

WOOD, Paul. **Arte Conceitual**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

#### **INTERNET:**

- **BROUWN, Stanley.**

[http://phomul.canalblog.com/images/15\\_brouwn.jpg](http://phomul.canalblog.com/images/15_brouwn.jpg)

-**CLARK, Lygia.**

<http://www.lygiacklark.org.br/portmenu.htm>

[www.setedeouros.blogger.com.br](http://www.setedeouros.blogger.com.br)

- **GRAHAN, Dan**

[www.architecture.blogger.com.br/](http://www.architecture.blogger.com.br/)

- **LONG, RICHARD.**

<http://paphotocall.files.wordpress.com/2009/07/image-2.jpg>

- **OITICICA, Helio.**

[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/ho/detalhe/docs/dsp\\_image\\_m.cfm?name=Normal/0256.66 - 238.gif](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/ho/detalhe/docs/dsp_image_m.cfm?name=Normal/0256.66 - 238.gif)

[www.ub.es/geocrit/sn/sn-270/sn-270-67.htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-270/sn-270-67.htm)

[www.fig.br/edart/0/jardel.htm](http://www.fig.br/edart/0/jardel.htm)

- **PIPER, Adrian .**

[http://blog.art21.org/wp-content/uploads/2009/05/piper\\_catalysis.jpg](http://blog.art21.org/wp-content/uploads/2009/05/piper_catalysis.jpg)

- **SMITHSON, Robert.**

<http://www.hawaii.edu/lruby/art400/SPIRALJ.GIF>

- **TIRAVANIJa, Rirkrit .**

[http://www.culture-asef.org/espanol/txt/2008/re\\_asia/photos/24](http://www.culture-asef.org/espanol/txt/2008/re_asia/photos/24)